

## O Choque das Novas Tecnologias da Informação

O aperfeiçoamento meteórico do universo fascinante da microelectrónica, com repercussões cada vez mais penetrantes na vida contemporânea, tem vindo a provocar uma verdadeira revolução no mundo da informação. As profundas alterações introduzidas no modo tradicional de fazer uma revista, poderão ser comparadas às que *Johann Gutenberg* (1384-1468) provocou com a invenção da imprensa e com o triunfo do livro impresso. Neste vórtice, todos os elementos, directa ou indirectamente implicados na feitura de um jornal, como os redactores, editores, tipógrafos e autores, têm sofrido a influência das suas componentes, tecnológica e económica, mais significativas.

De longe os leitores têm sido os elementos menos afectados por esta revolução informática. As facilidades cada vez maiores de acesso a Bancos de Dados, ainda não determinaram o desaparecimento do jornal nem do papel impresso, apesar das previsões sobre a sua próxima substituição pelo ecran de televisão. O hábito profundamente enraizado e o gosto lúdico pela leitura em folha de papel, têm sido o córion da resistência ao assalto do ecran monocromático e do monitor a cores, cada vez mais atraentes em definição e nitidez, e têm suscitado por reacção de sinal contrário o aparecimento de uma série de dispositivos que competem entre si para nos presentear com a familiar folha impressa. São as máquinas de escrever computadorizadas, a multiplicidade de impressoras, com agulhas, em jacto de tinta, as *laser*, os *plotter*, as fotocopiadoras, os *scanner*, que de ano para ano sofrem o usual fenómeno catalítico característico da designada *High Tech Society*, e que em cadeia produzem, simplificação, uniformização, miniturização, constante aperfeiçoamento, paulatina redução de custos e finalmente generalizada difusão.

Nos últimos anos, um grande número das revistas científicas internacionais de medicina, têm vindo a reduzir os circuitos que levam à impressão e a prescindir de pessoal supérfluo, conseguindo deste modo a economia interna que permite compensar o incremento cada vez mais acelerado dos custos (do papel, ordenados, montagem, correios, etc). A multiplicidade de actividades profissionalizadas do circuito editorial clássico têm gradualmente vindo a contrair-se em redor da figura do Editor, que por sua vez tenta persuadir os autores a fazerem de graça, algumas das tarefas anteriormente atribuídas aos tipógrafos.

Pensamos que entre nós, chegou também o momento de realizar esta transposição. Nestes últimos três anos assistimos com natural espanto e curiosidade a uma rápida transformação dos hábitos dos médicos que nos enviam os seus trabalhos. Presentemente mais de oitenta por cento dos artigos entregues para publicação na Acta Médica Portuguesa, são escritos num processador de texto e passados ao papel por intermédio da impressora ligada ao computador. É óbvio que para nós Revista, seria importante termos a possibilidade de acesso à *diskette* final onde o autor regista o trabalho depois de totalmente revisto e pronto para publicação. Deste modo evitaríamos ter de repetir uma série de tarefas já executadas pelo próprio autor.

Neste número aproveitamos o facto de termos decidido publicar a quarta actualização sobre Normas para Escrever Artigos Científicos em Medicina propostas pelo *International Committee of Medical Journal Editors*, para propor uma série de orientações sobre o modo de se uniformizar o registo dos trabalhos em computador destinados à AMP e do seu envio em diskettes. Numa primeira fase, teremos que utilizar os dois processos e manter a possibilidade de envio das publicações dactilografadas. Por um lado, interessa guardar um certo intervalo de adaptação ao novo método. Por outro lado, nem todos os processadores permitem uma importação fácil dos gráficos e tabelas, nem provavelmente os autores estão completamente familiarizados com este processo. No entanto, o simples envio do artigo com possibilidades de acesso aos dados computadorizados, irá originar duas grandes vantagens. Aos autores será permitido, caso o desejem, interferir mais directamente na dinâmica da publicação, para todos os efeitos a derradeira etapa do processo de investigação ou da elaboração de um trabalho. Para a Revista, a economia de meios conseguida será importante não só em termos de custos, mas também irá permitir conseguir atingir o desideratum a que nos propuzemos quando lançamos o primeiro número deste projecto editorial e que foi o de transformar a Acta Médica Portuguesa numa revista de periodicidade mensal.

